

Colóquio Internacional

EXPRESSÕES DA ANTIGUIDADE

*na Arte e Literatura
Modernas e Contemporâneas*



LIVRO DE RESUMOS

23 e 24 de Fevereiro de 2017

Torre B - Auditório 1

Centro de História
da Arte e do Alentejo
CHAM
Universidade Nova de Lisboa
Faculdade de Ciências Sociais e Humanas
Universidade dos Açores

FCSH
FACULDADE DE CIÊNCIAS
SOCIAIS E HUMANAS
UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA

FCT
Fundação para a Ciência e a Tecnologia
INSTITUTO PARA A CIÊNCIA, TECNOLOGIA E INOVAÇÃO

UID/HIS/04666/2013

CONFERÊNCIA INTERNACIONAL

Expressões da Antiguidade na Arte e Literatura Modernas e Contemporâneas

Faculdade de Ciências Sociais e Humanas
Universidade NOVA de Lisboa
Portugal

23 e 24 DE FEVEREIRO DE 2017

LIVRO DE RESUMOS

Editado por Francisco Caramelo



Lisboa, 2017

Expressões da Antiguidade na Arte e Literatura Modernas e Contemporâneas

Editor: Francisco Caramelo

Editores Assistentes: Isabel Almeida; Maria de Fátima Rosa; Teresa Lacerda

Autores: vários

Publicado por CHAM (FCSH/NOVA-UAc)

Design gráfico: Marcel L. Paiva do Monte

Imagem de capa: *Bonaparte aux Pyramides*, de Maurice Orange (entre 1885 e 1916). Domínio público, lançado pelo *Musée du Vieux Granville* na *Wiki Media Commons*

ISBN: 978-989-8492-48-7

Data de Publicação: 16 de Fevereiro de 2017

Repositório Institucional:

Copyright:  This is an open access work distributed under the terms of the Creative Commons Attribution 4.0 International License (CC BY 4.0), which permits unrestricted use, distribution and reproduction in any medium, provided that the original author and source are properly credited. Copyright is retained by the authors.

Apoios:



COMISSÃO CIENTÍFICA

Ana Isabel Buescu

Francisco Caramelo

João Paulo Oliveira e Costa

José das Candeias Sales

Maria Helena Trindade Lopes

Maria do Rosário Laureano Santos

COMISSÃO ORGANIZADORA

Isabel Almeida

Maria de Fátima Rosa

Teresa Lacerda

ÍNDICE DE CONTEÚDOS

Introdução	6
Programa	7
Resumos	10

INTRODUÇÃO

O grupo de investigação *A Antiguidade e a sua Recepção*, do CHAM, FCSH, Universidade NOVA de Lisboa, Universidade dos Açores, irá realizar um colóquio internacional subordinado ao título «Expressões da Antiguidade na Arte e Literatura Modernas e Contemporâneas», nos dias 23 e 24 de Fevereiro de 2017.

Este encontro pretende impulsionar o debate científico no âmbito dos estudos da recepção da Antiguidade, no que respeita às épocas moderna e contemporânea do mundo ocidental, já que estas foram marcadas por um renovado interesse pelo mundo antigo. Da recuperação dos cânones clássicos, no século XV, à redescoberta das civilizações egípcia e mesopotâmica, no século XIX, observa-se uma produção artística e literária fortemente influenciada pela memória deste passado remoto, onde os agentes culturais foram procurar “novos” *topoi* para integrar as suas obras.

Assim, o colóquio procura discutir as diversas formas como a Antiguidade foi recebida e incorporada, a partir de contributos de diversos especialistas que, no decorrer dos seus trabalhos, se depararam com esta problemática. O colóquio incidirá sobre os seguintes âmbitos temáticos: artes performativas, cinema, fotografia, música, arquitectura, escultura, pintura e literatura (onde se incluem os relatos de viagem).

PROGRAMA

Dia 23, Quinta-feira
Manhã

- 9.00 Recepção
- 9.30 Sessão de abertura
Francisco Caramelo, coordenador do grupo “A Antiguidade e a sua Recepção” do CHAM – FCSH/NOVA – UAc; Director da FCSH/NOVA.
Isabel Almeida, sub-directora do CHAM; Docente da FCSH/NOVA.
Maria de Fátima Rosa, investigadora pós-doutoranda do CHAM.

PAINEL 1 – Referências antigas no livro moderno *Discussant: Francisco Caramelo*

- 10.00 **António Moniz** (CHAM)
A receção da Antiguidade Clássica no Livro da Virtuosa Benfeitoria
- Leonor Santa Bárbara** (CHAM)
Representações do Amor nos Livros de Emblemas
- Ana Isabel Buescu** (CHAM)
A história antiga numa livraria aristocrática do Renascimento
- 11.00 Debate
- 11.30 Pausa

PAINEL 2 –Visões do passado na ficção literária *Discussant: Leonor Santa Bárbara*

- 12.00 **Joanna Popielska-Grzybowska** (Universidade de Pultusk; CHAM)
Faraós de Boleslaw Prus – duas visões literárias da Europa e encantamento pelo Egipto Antigo
- Maria do Rosário Laureano Santos** (CHAM)
O retrato de Lúcio Sérgio Catilina na literatura latina e na ficção contemporânea
- Fátima Vieira** (Universidade do Porto / CETAPS)
Júlio César, de William Shakespeare: representando Roma e o Ditador, moldando o imaginário popular inglês

13.00 Debate

13.30 Almoço

Tarde

PAINEL 3 – Notícias e usos do passado **Discussant: Maria Helena Trindade Lopes**

15.00 **José das Candeias Sales** (Universidade Aberta; CHUL; CHAM) & **Susana Mota** (CHAM)

Tutankhamon em Portugal. Relatos na imprensa portuguesa (1922-1939)

Ronaldo Gurgel Pereira (CHAM)

Brazilian Nationalism and the Failed Project of Phoenician Heritage

Anderson Zalewski Vargas (UFRGS)

Revolução, Retórica e Antiguidade

16.00 Debate

16.30 Encerramento da sessão de trabalhos

Dia 24, sexta-feira **Manhã**

PAINEL 4 – A Antiguidade em cena **Discussant: Katia Pozzer**

10.00 **Luísa Cymbron** (CESEM-FCSH/NOVA)

Persistências da Antiguidade na ópera romântica italiana: as leituras de Bellini, Pacini e Verdi

Maria de Fátima Rosa (CHAM)

O legado da antiga Mesopotâmia em Intolerância de David W. Griffith

Luis Carlos Martins (PUCRS)

Pão, Circo e Pipoca: as representações da política romana no Brasil actual

11.00 Debate

11.30 Pausa

PAINEL 5 – Expressões artísticas do passado remoto
Discussant: Luis Carlos Martins

12.00 **Catarina Firmo** (CET/FLUL / Universidade de Nanterre)
Reparar no corpo, recuperar rituais – Artefactos da Antiguidade na cena contemporânea

Jim Cogswell (Universidade do Michigan)
Cosmogonic Tattoos

Maria Helena Trindade Lopes (CHAM)
“Fronteiras”: Anselm Kiefer e a “arquitectura da memória”

13.00 Debate

13.30 Almoço

Tarde

PAINEL 6 – O Oriente no Ocidente
Discussant: Anderson Zalewski Vargas

15.00 **Rui Loureiro** (CHAM)
Ecos da Antiguidade nos Roteiros de D. João de Castro

Francisco Caramelo (CHAM)
A recepção de uma ideia bíblica de tempo e de história em Samuel Usque

Katia Maria Paim Pozzer (UFRGS)
Relendo a Torre de Babel na Arte Moderna

16.00 Debate

16.30 Encerramento da sessão de trabalhos

RESUMOS

PAINEL

“Referências antigas no livro moderno”

ANTÓNIO MONIZ

CHAM

A receção da Antiguidade Clássica no *Livro da Virtuosa Benfeitoria*

A receção da Antiguidade Clássica é uma constante que percorre todo o *Livro da Virtuosa Benfeitoria*, da autoria do Infante D. Pedro de Avis, 1º Duque de Coimbra (1392-1449), e do seu confessor dominicano, Frei João Verba.

A referência e citação de autores gregos e latinos desfilam a cada passo no referido tratado ético-político, pioneiro no século XV português, dando consistência à argumentação filosófica que sustenta os princípios básicos de uma mundividência humanista e de uma pedagogia da nova nobreza, que emergia com a consagração da dinastia de Avis.

A herança cultural da Antiguidade Clássica configura, deste modo, o arquétipo de uma civilização moderna, centrada na república dos sábios e na excelência da sabedoria, no Direito e na Justiça e na abertura aos estrangeiros.

Dedicada ao irmão D. Duarte, ainda na condição de príncipe, a obra em causa entende a ação governativa como um exercício do Bem Comum, assente na liberalidade e no serviço da cidadania, como se expressa poeticamente na alegoria das virtudes, protagonizada pelas seis donzelas.

Palavras-Chave: bem comum, cidadania, serviço público, ética política, pedagogia social.

ANTÓNIO MONIZ é professor aposentado da FCSH/NOVA. É investigador integrado do CHAM e investigador do Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias da Universidade de Lisboa (CLEPUL). É membro emérito da Academia da Marinha (Classe de História Marítima). Tem um doutoramento em Literatura Portuguesa dos séculos XVI e XVII, ramo de Estudos Portugueses.

LEONOR SANTA BÁRBARA

CHAM

Representações do Amor nos Livros de Emblemas

No Renascimento desenvolveu-se um tipo de literatura que se baseava em desenhos alegóricos, acompanhados de um mote explicativo, procurando ensinar de forma intuitiva uma verdade moral. Procurava-se, através de uma imagem, tornar apreensível um conceito. Estas representações ilustrativas de um conceito foram chamadas “emblemas”, inicialmente com o sentido de “obra em mosaico”.

Entre os emblematistas e os poetas alexandrinos verifica-se uma ligação estreita, como se pode constatar na obra de Alciato. Este não se limita a criar os seus emblemas com base em autores como Ateneu, Aulo Gélio, Eliano, Estobeu, Plínio ou Pausânias, mas serve-se ainda de inúmeros epigramas da *Antologia Grega*, que traduz para Latim, acrescentando-lhe uma ilustração.

Por seu turno, Otto van Veen (Vænius) não traduz, mas inspira-se em epigramas gregos da mesma antologia, designadamente nos que descrevem Eros e o seu poder.

O objectivo desta comunicação é analisar os emblemas respeitantes ao deus do amor, tentando compreender como é que esta divindade era vista pelos autores de livros de emblemas e em que medida essa é uma herança da poesia do período helenístico.

Palavras-Chave: Amor, emblemas, poesia helenística, imagem, conceitos.

LEONOR SANTA BÁRBARA é professora auxiliar do departamento de História da FCSH/NOVA. É investigadora integrada do CHAM. Tem um doutoramento em Literatura Grega pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (FLUL). Tem como áreas de investigação os Estudos Clássicos, a Cultura Grega, a Literatura Grega, a Grécia Helenística e as Matrizes Clássicas da Cultura Portuguesa.

ANA ISABEL BUESCU

CHAM

A história antiga numa livraria aristocrática do Renascimento

A História constitui, sob o ponto de vista ideológico e cultural, um dos traços mais permanentes da cultura nobiliárquica europeia desde a Idade Média, em consonância com uma declarada predilecção pelo exemplo de figuras e heróis que deveriam ser modelo das acções dos príncipes. A grande livraria quinhentista de D. Teodósio I († 1563), 5º duque de Bragança, evidencia esta centralidade da história na cultura do Renascimento, em que o legado da história antiga, de que nos ocuparemos, tem um lugar destacado.

Palavras-Chave: Renascimento, historiadores antigos, livrarias, cultura nobiliárquica.

ANA ISABEL BUESCU é professora associada do departamento de História da FCSH/NOVA e investigadora integrada do CHAM. Os seus interesses e domínios científicos actuais focam-se nos séculos XV e XVI, nomeadamente no que diz respeito à História de Portugal, da Educação dos príncipes, da Cultura da corte e Cerimónias reais, assim como das Bibliotecas reais e aristocráticas. A História biográfica, a História da Mulher e da Cultura renascentista e humanista em Portugal são igualmente temas trabalhados por si.

Autora e editora de vários livros e artigos nos seus domínios científicos, Ana Isabel Buescu é membro da Academia Portuguesa da História.

Dos projectos de Investigação onde participa actualmente, saliente-se: *DIAITA: Património alimentar da Lusofonia* www.uc.pt/iii/research_centers/CECH/projetos/diaita (2015-2018); *Books of Hours in Royal Libraries* booksofhours.royallibraries@fcsch.unl.pt (desde 2015)

PAINEL

“Visões do passado na ficção literária”

JOANNA POPIELSKA-GRZYBOWSKA

Universidade de Pultusk / CHAM

Faraós de Bolesław Prus – duas visões literárias da Europa e encantamento pelo Egito Antigo

Em Maio do ano 1895 Aleksander Głowacki – escritor conhecido sob nome de Bolesław Prus – acabou o seu grande e famoso romance intitulado “Faraó”, que publicou faseadamente numa revista semanal designada por “Tygodnik Ilustrowany”. A ação desta obra ocorre no Egito Antigo e conta a vida de Ramsés XIII – príncipe herdeiro do Egito – que tenta conhecer e perceber o mecanismo e organização do país egípcio para conseguir no futuro manter a independência da casta sacerdotal. Prus descreveu a queda da potência do Egito na XX dinastia. O jovem protagonista observa a dependência do seu pai, tal como a pobreza e a desgraça do povo que está a ser oprimido pelos responsáveis da governação do Egito. Ele faz a viagem para conhecer todo o país e entender as origens dos seus problemas, e ele parece encontrar as soluções boas, porém sem o contributo ou participação dos sacerdotes em governar. Contudo, irá ele alcançar sucesso?

O outro escrito trata-se da novela “Das lendas do Antigo Egito” publicada antes, ou seja, no dia 1 de Janeiro de ano 1888, onde aproveitou o seu interesse e conhecimento da história do Egito, em que usou “traje” histórico para narrar não só sobre o presente, mas também, e em geral, sobre a condição do ser humano.

Os dois relatos do grande escritor polaco demonstram um vivo interesse na cultura do Egito na Polónia do fim do século XIX e, de igual modo, revelam a sensibilidade do literato que provou várias profissões, como por exemplo do orador de rua, fotógrafo ou serralheiro. O autor, obviamente, não evitou lapsos ou imprecisões e terá dado passos em falso, relatando as duas histórias egípcias, mas surpreende pela profundidade do seu saber da cultura egípcia, da sua consciência e intuição relativamente a acontecimentos antigos num país distante e diferente.

A autora da comunicação pretende mostrar o contexto histórico e egiptológico da novela e do romance, sublinhando as observações particulares do escritor polaco fascinado pela civilização nilótica. Tenciona também refletir

sobre o conhecimento do Egipto antigo e desenvolvimento da Egiptomania revelada na literatura na Polónia no limiar de XIX e XX séculos.

Palavras-Chave: Recepção da Antiguidade, Egipto antigo, Ramsés, faraó, Bolesław Prus.

JOANNA POPIELSKA-GRZYBOWSKA é professora na Pultusk Academy of Humanities e a actual coordenadora do departamento de Culturas Antigas da mesma instituição. A sua área de especialização foca-se na análise hermenêutica dos textos religiosos do Egipto Antigo. Participou e organizou várias conferências de cariz internacional dedicadas à Antiguidade, tendo sido fundadora e editora da série *Acta Archaeologica Pultuskiensia*, volumes O-V.

MARIA DO ROSÁRIO LAUREANO SANTOS

CHAM

O retrato de Lúcio Sérgio Catilina na literatura latina e na ficção contemporânea

Catilina ficou bem presente na história de Roma devido às suas implicações na política republicana do séc. I a.C., as quais foram determinantes e conduziram à conjuração conhecida pelo seu nome. A literatura latina legou-nos informação sobre esta figura histórica, sobretudo através de textos de Cícero (*Catilinárias*) e de Salústio (*Conjuração de Catilina*), autores do séc. I a.C., que definem com pormenor o retrato literário do homem romano, bem como o seu envolvimento em processos políticos contra a República. A recepção deste tipo de retrato da antiguidade encontra referência nos nossos dias no romance histórico *O Enigma de Catilina*, de Steven Saylor, cuja última edição portuguesa é de 2014. A presente comunicação tem como objectivo analisar o romance histórico referido, enquanto receptor das duas tradições literárias anteriores, no sentido de estabelecer o perfil, enigmático e carismático, de Catilina e de o enquadrar no seu tempo.

Palavras-Chave: Roma, literatura, retrato, Catilina, ficção.

MARIA DO ROSÁRIO LAUREANO SANTOS é professora auxiliar no Departamento de Estudos Portugueses da FCSH/NOVA, na área de Estudos Clássicos, e colaboradora do Curso de Teologia da Universidade Católica, na disciplina de “Grego Antigo”. É investigadora integrada do CHAM e as suas principais áreas de interesse e de investigação são a literatura e cultura romanas, bem como a sua recepção na cultura europeia, áreas nas quais tem publicado artigos e participado em actividades científicas.

FÁTIMA VIEIRA

Universidade do Porto / CETAPS

***Júlio César*, de William Shakespeare: representando Roma e o Ditador, moldando o imaginário popular inglês**

Talvez por não conter cenas complicadas de sedução e por promover uma lição de moral considerada importante sobre o caráter das personagens face a dilemas que coloquem em causa a escolha entre o interesse privado e o bem comum, *Júlio César* tem sido uma das peças shakespearianas mais discutidas no contexto do sistema escolar britânico. A representação da sociedade romana que a peça oferece e, em particular, de Júlio César, é uma das questões mais debatidas, e não têm sido poucas as vozes a acusar Shakespeare de ter distorcido a “verdade da História”, tendo transformado Júlio César num tirano que merecia morrer e feito dos seus assassinos verdadeiros heróis. A peça evidencia contudo um conhecimento notável, por parte de Shakespeare, da história de Roma, pelo que valerá a pena tentarmos perceber o que poderá ter estado por trás da perspetiva que Shakespeare nos oferece do ditador romano e dos tempos em que viveu.

Na minha comunicação, proponho-me analisar a representação de Roma e de César que a peça promove e refletir sobre a mensagem política que Shakespeare terá tentado transmitir ao público coevo. Tendo em consideração questões como os elementos anacrónicos presentes na peça e o contexto político e social da viragem do século XVI para o século XVII, procurarei demonstrar a forma como, através de *Júlio César*, Shakespeare moldou o imaginário popular inglês sobre a época romana para intervir em questões políticas prementes do seu tempo.

Palavras-Chave: Júlio César, Roma, época Isabelina, Shakespeare, Teatro.

FÁTIMA VIEIRA é professora associada com agregação da Faculdade de Letras da Universidade do Porto. É coordenadora do pólo do Porto do CETAPS (Centre for English, Translation and Anglo-Portuguese Studies), onde dirige uma linha de investigação sobre o utopismo britânico e norte-americano. É colaboradora do ILC (Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa), onde tem coordenado projectos de

investigação sobre o utopismo português. É também directora da colecção “Nova Biblioteca das Utopias”.

PAINEL

“Notícias e usos do passado”

JOSÉ DAS CANDEIAS SALES

Universidade Aberta / CHUL / CHAM

SUSANA MOTA

CHAM

Tutankhamon em Portugal. Relatos na imprensa portuguesa (1922-1939)

A descoberta do túmulo de Tutankhamon por Howard Carter e pelo seu patrocinador lord Carnarvon, a 4 de Novembro de 1922, foi noticiada pela imprensa internacional de todo o mundo, de forma inusitada e sem precedentes, tornando este faraó e os principais intervenientes nessa «maravilhosa descoberta no Vale» sobejamente conhecidos de milhões de leitores.

Ironicamente, o 12º faraó da XVIII Dinastia era um dos menos conhecidos faraós do Império Novo e Howard Carter um arqueólogo sem créditos firmados e, literalmente de um dia para o outro, passaram da obscuridade para as páginas dos jornais, tornando-se ambos sinónimos reconhecidos para «faraó» e «arqueólogo».

Que reflexo houve na imprensa portuguesa dessa descoberta e da consequente abertura do túmulo? Que descrição é feita dos extraordinários artefactos encontrados nas várias câmaras do seu túmulo? Que temas ou aspectos foram salientados nas notícias e nos comentários dos jornais e das revistas portuguesas dos anos 20 e 30 do século XX? Que tipo de relatos é apresentado sobre a vida, a família e a morte do jovem faraó? Que tratamentos são dados à actividade de escavação de Howard Carter, à sua morte e à morte de Lord Carnarvon? Que fotografias e ilustrações são disponibilizadas pelas publicações nacionais ao leitor português?

Estas são algumas das perguntas a que procuraremos dar resposta nesta intervenção, apresentando os contornos essenciais da nossa investigação orientada essencialmente na lógica da problemática dos estudos da recepção, com especial ênfase para o tratamento detalhada do *corpus* documental em causa.

Palavras-Chave: Recepção, Tutankhamon, Imprensa.

JOSÉ DAS CANDEIAS SALES é licenciado em História (1985) e mestre em História das Civilizações Pré-clássicas (1993) pela FCSH/NOVA, doutorado em História Antiga –Egiptologia (2002) e agregado em História Antiga (2013) pela Universidade Aberta, Lisboa. É professor Auxiliar com Agregação na Universidade Aberta, Lisboa e professor no Mestrado de Egiptologia da FCSH/NOVA. É investigador das linhas de investigação “Usos do Passado” e “História Militar” (Centro de História da Universidade de Lisboa – CH-UL) e “A Antiguidade e a sua recepção” (CHAM). É membro do Conselho Editorial das revistas: *Hathor – Studies of Egyptology*; *Oriental Studies – Journal of Oriental and Ancient History* e *Res Antiquitatis - Journal of Ancient History*.

SUSANA MOTA é investigadora integrada do CHAM, membro do grupo de investigação “Antiguidade e a sua recepção”. Desenvolve a sua investigação na área da Egiptologia, tendo realizado o mestrado sobre a Justiça no Egito Antigo e o doutoramento sobre a Religião Doméstica no Egito Antigo. As suas áreas de interesse são essencialmente a cultura e mentalidades, a sociedade e a religião.

RONALDO GURGEL PEREIRA

CHAM

Brazilian Nationalism and the Failed Project of Phoenician Heritage

Classical Antiquity was reinvented between the 15th and 16th centuries as a whole European model of thought during the “Renaissance”. After the so-called “discoveries”, the European kingdoms tried to develop ethnocentric parallels between Native American societies and references from the Bible and the Classics. Between late 18th – and early 19th centuries, the emergence of Nation States used Antiquity as an instrument of political legitimacy, promoting ideals of identity and community.

This work debates the ideological usages of Archaeology, History, memory and myth in order to shape a discourse of national identity in 19th century Brazil. During the 19th century, Brazilian intelligentsia teamed up with many European scholars in order to explore supposed evidences of the Phoenician presence in the country.

In Brazil, the time prior the Portuguese presence was classified as “mythic” – in opposition to a Historical period – counted from the European discovery onwards. In such mythic, pre-European past, it was possible to establish the roots for a more ancient “Brazilian Nation”. On the other hand, at that time, Brazilians developed an identity as the ones in charge of expanding the Portuguese civilizing mission. Hence, the newly crowned emperor Pedro II wanted to create a national identity able to reflect Brazil cultural policy properly.

Thus, Archaeology became ahead of a national program dedicated to explore all rumors of lost cities and ancient civilizations in the country. Looking for Phoenicians or any other Biblical or ancient civilization turned out to be almost an obsession. The myth depicting some Mediterranean-like lost city somewhere in the Hinterland became paradigmatic. Brazil was trying to build up an image as heir of a formidable and remote lost civilization.

Palavras-Chave: Phoenicians, Nationalism, Brazil, Diffusionism, Lost cities.

RONALDO GURGEL PEREIRA é bolseiro de pós-doutoramento no CHAM. Recebeu o seu grau de doutoramento em Egiptologia pela Universidade de Basileia, Suíça. Desde 2011, colabora com a FCSH/NOVA, na condição de bolseiro de pós-doutoramento, financiado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia (SRFH/BPD/78279/2011). O seu projecto de investigação foca-se no estudo das colecções egípcias existentes em museus portugueses, com destaque para a epigrafia egípcia. Lecciona a gramática egípcia clássica (escrita hieroglífica e hierática) para turmas de Licenciatura em História e Mestrado em História Antiga-Egiptologia da mesma instituição.

ANDERSON ZALEWSKI VARGAS

UFRGS

Revolução, Retórica e Antiguidade

A comunicação apresenta resultados parciais de uma pesquisa que analisa a invocação da Antiguidade em jornais da antiga província do Rio Grande do Sul, no período de uma conflagração que convulsionou o sul do Brasil. A chamada “Revolução Farroupilha”, ocorrida entre 1835 e 1845, chegou a proclamar a república em sua confrontação com a monarquia do Rio de Janeiro, ameaçando a unidade nacional ainda em vias de consolidação. Essa pesquisa se enquadra em projeto mais amplo que investiga as relações entre retórica e história refletindo, em particular, sobre a natureza da escrita historiográfica e as alternativas de uso da análise retórica em pesquisas que não tratam documentos apenas como provas de teses. O caso dos jornais em questão revelou-se uma oportunidade privilegiada por alguns fatores em particular. Em primeiro lugar, a formação intelectual da época, brasileira e europeia, em que a retórica era elemento essencial da constituição dos indivíduos - e nos jornais sul-riograndenses trabalharam nacionais e estrangeiros de formação universitária (especialmente italianos e portugueses). Em segundo, o contexto político, de grande efervescência em razão das disputas, sobre a natureza adequada do poder político, se liberal ou absoluto. Por fim, a constatada presença de inúmeros e diversos argumentos em que a Antiguidade – em especial, latina - é usada em matérias sobre a situação política da província e do país. A comunicação centrará sua análise no jornal *O Correio da Liberdade*, legalista, visto propiciar comparação com análise já realizada do periódico simpático à causa revolucionária, *O Noticiador*, a qual constatou o recurso a exemplos, analogias e outros argumentos constituidores de uma idealizada Roma Antiga, republicana e oligárquica.

Palavras-Chave: Recepção, Retórica, Antiguidade, Revolução, Periódicos.

ANDERSON ZALEWSKI VARGAS é professor associado do departamento de História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. É, desde 2014, presidente da Sociedade Brasileira de Retórica (SBR). Tem um doutoramento em História Social, pela Universidade de São Paulo, com uma tese sobre Tucídides. Os seus interesses focam-se na História da Grécia Antiga, abrangendo temas como a razão, a historiografia, o mito, a relação entre história e retórica nos mundos antigo e contemporâneo.

PAINEL

“A Antiguidade em cena”

LUÍSA CYMBRON

CESEM – FCSH/NOVA

Persistências da Antiguidade na ópera romântica italiana: as leituras de Bellini, Pacini e Verdi

A Semiramide de Rossini, estreada em Veneza em 1823, marca o final da carreira italiana deste compositor mas também o de uma época. Fixando-se em Paris, Rossini não só partiu em busca de novos modelos estéticos e ritmos de produção como deixou espaço para a afirmação de uma geração de compositores mais jovens. Com eles, o gosto romântico afirmar-se-ia definitivamente nos palcos italianos. Os temas da Antiguidade, que haviam sido a base de toda a libretística do séc. XVIII e ainda continuavam a interessar os espectadores do primeiro terço de oitocentos, começam a ser cada vez menos frequentes face à moda dos ambientes medievais.

Embora a escrita operática dos compositores românticos italianos fosse muito condicionada pelos cantores e se baseasse num conjunto de modelos que não variavam significativamente consoante a temática de casa ópera, não deixa de ser interessante tentar perceber quais as opções tomadas por Vincenzo Bellini, Giovanni Pacini ou Giuseppe Verdi, nas suas óperas ambientadas na Antiguidade: Norma (1831), Saffo (1840) e Nabucco (1842). Esta comunicação pretende discutir problemas músico-dramatúrgicos destas três óperas nas suas relações com as respectivas temáticas.

Palavras-Chave: Antiguidade, ópera italiana, Romantismo, Bellini, Pacini, Verdi.

LUÍSA CYMBRON é professora associada do departamento da FCSH/NOVA. É investigadora integrada do Centro de Estudos de Sociologia e Estética Musical (CESEM). Tem um doutoramento em Ciências Musicais, especialidade em Ciências Musicais Históricas, pela FCSH/NOVA. Tem como áreas de especialização a História da Música Portuguesa (século XIX), a Ópera Italiana do século XIX e as Relações Musicais Portugal/Brasil.

MARIA DE FÁTIMA ROSA

CHAM

O legado da antiga Mesopotâmia em *Intolerância* de David W. Griffith

Em 1916, estreava-se o filme *Intolerância*, do realizador norte-americano David W. Griffith. Com cenários de uma dimensão nunca antes vista, o filme compunha-se de quatro segmentos distintos, sendo um dos mais extensos dedicado à queda da antiga Babilónia, em 539 a.C. As relações e traições entre três figuras principais eram exploradas na película de forma a apurar as causas da ruína da grande capital do Eufrates. O conluio entre Ciro e o clero de Bel, liderado por um dissimulado sacerdote, bem como a passividade do príncipe Baltasar, impeliram a Babilónia para uma queda vertiginosa. Assim nos é apresentada a história.

Em 1916, estavam ainda em curso as expedições arqueológicas em solo babilónico, em campanhas de escavação contínuas, que se haviam iniciado no virar do século. O território entre o Tigre e o Eufrates havia, porém, sido palco de expedições arqueológicas desde meados do século precedente, vindo as primeiras exposições sobre as suas antiguidades a público em 1847, no museu do Louvre. As antiguidades assírias, os primeiros grandes tesouros exumados em terras mesopotâmicas, fascinaram o homem ocidental e perduraram no seu imaginário pelas décadas subsequentes.

Assim, *Intolerância* compõe-se de um misto de elementos iconográficos e arquitectónicos, que convocam não só a fama e a grandiosidade da antiga Babilónia como também o legado cultural do reino assírio, resultado da exibição da sua sumptuosa monumentalidade. A amálgama de influências é notória, sendo também possíveis de identificar elementos culturais egípcios, persas ou clássicos e algumas fontes literárias e artísticas nas quais o realizador se terá inspirado para a construção da sua obra.

Intolerância é, pois, um bom exemplo da transmissão e da recepção de um longínquo legado sociocultural, feitas através da sobreposição de diferentes percepções e de contactos efectuados com distintos veículos de informação ao longo do tempo.

Nesta comunicação, pretendemos, portanto, explorar as diferentes fontes utilizadas na composição desta película, o modo como se processa a transmissão da história e a sua ligação com os testemunhos cuneiformes, assim como a interligação entre a história e a lenda que se foi criando ao longo dos tempos em torno da antiga Babilónia.

Palavras-Chave: Filme Intolerância; Recepção da Mesopotâmia; Cinema; Assíria; Babilónia.

MARIA DE FÁTIMA ROSA é doutorada em História, na área de História da Antiguidade, pela FCSH/NOVA. É bolseira de pós-doutoramento num projecto sobre Recepção da Antiguidade e investigadora integrada do CHAM.

LUIS CARLOS MARTINS

PUCRS

Pão, Circo e Pipoca: as representações da política romana no Brasil atual

Este trabalho objetiva fazer uma análise da forma como a política romana é representada (CHARTIER, 2002) no Brasil através de comentários e avaliações em blogs/sites especializados em Cinema e/ou voltados para o ensino de História. Como vimos com o caso da *Operação Calilínarias* da Polícia Federal brasileira (2016), temas relativos à política romana têm sido empregados como analogia explicativa para a realidade nacional, por intermédio de simplificações e “caricaturas” que associam a civilização romana invariavelmente à “corrupção”, à “ambição pessoal” e à “manipulação eleitoral”. Tais imagens circulam frequentemente pela mídia local e em sites, blogs e fóruns de discussão política, bem como pelas redes sociais. Entretanto, tendo em vista seu nível caricatural e simplório, se indagarmos por suas fontes de referência dificilmente encontraremos como resposta a historiografia especializada. Ao contrário, aproximam-se muito mais da forma como a literatura ocidental e, em especial, o cinema se apropriam da Roma Antiga como tópico de suas narrativas. Com efeito, este tema é muito recorrente no cinema internacional, notadamente Hollywoodiano, desde os filmes como *Julius Caesar*, 1953, e *The Fall of the Roman Empire*, 1968, até obras mais recentes, como *Gladiator*, 2000 (adaptação de *The Fall of the Roman Empire*), e a refilmagem de *Ben Hur*, 2016. Baseada normalmente na literatura e mesmo em fontes latinas (Juvenal, Petrónio, Suetônio) e gregas (Plutarco) “conservadoras”, esta filmografia contribui para reativar, construir e difundir visões bastante negativas da política romana que dão corpo a um verdadeiro e persuasivo “imaginário social” (BACZKO, 1985) sobre a civilização do Lácio. Além disso, tais obras são ainda objeto de diversas apropriações por parte da crítica cinematográfica (“profissional” ou “amadora”) e especialmente por profissionais dedicados ao ensino da História, que as utilizam como referencial, sem fazer a devida crítica historiográfica. Ao contrário, constroem verdadeiros protocolos de leitura (CHARTIER, 2002) desses filmes que reforçam mais do que relativizam as visões caricaturais. Assim, tais obras e especialmente a sua apropriação pelos “comentadores” tornam-se importante objeto de pesquisa para compreender a construção do imaginário sobre a política e a civilização

romana, bem como o seu emprego na “interpretação” da realidade brasileira contemporânea.

Palavras-Chave: Política Romana; cinema; realidade brasileira; imaginário.

LUIS CARLOS MARTINS é professor adjunto e coordenador do departamento de História da Escola de Humanidades da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Tem um doutoramento em História pela mesma universidade. Os seus interesses abrangem temas como a imprensa ou a política económica.

PAINEL

“Expressões artísticas do passado remoto”

CATARINA FIRMO

CET/FLUL / Universidade de Nanterre

Reparar no corpo, recuperar rituais – Artefactos da Antiguidade na cena contemporânea

“A marioneta é velha como o mundo e renasce das próprias cinzas”, diz-nos Jacques Chesnais. Entre o final do século XIX e início do século XX, as marionetas renascem das cinzas nas mãos de autores como Heinrich Kleist, Edward Gordon Craig ou Maeterlinck. A partir das vanguardas estéticas europeias, a representação da figura humana passou a explorar o binómio ausência/presença, através de novas perspetivas, revitalizando técnicas ancestrais. O teatro é repensado como uma arte primitiva, lugar de encontro com os deuses e os mortos. Segundo Monique Borie, os actores sonhados por Artaud encarnavam “corpos novamente capazes de fazer aparecer o duplo, corpos habitados pelo contacto com o invisível, capazes de receber o deus que desce ou o fantasma que volta”.

A reconquista do corpo no teatro contemporâneo liga-se à nostalgia do sagrado perdido, a um apelo para restaurar rituais. Observamos nas vanguardas europeias um crescente interesse pelo Oriente e o consequente regresso de tradições teatrais que remontam à Antiguidade. Neste estudo irei concentrar-me em criações contemporâneas que recuperam técnicas de máscaras e marionetas, como fonte de trabalho para a corporalidade cénica, explorada por encenadores como Ariane Mnouchkine, Jacques Lecoq e Peter Brook.

Palavras-Chave: Cena contemporânea, máscaras e marionetas, ritual, sagrado, corporalidade.

CATARINA FIRMO é investigadora de pós-doutoramento, com uma bolsa da Fundação para a Ciência e Tecnologia, num projeto intitulado «Artefactos em movimento. Teatro de formas animadas na cena contemporânea», acolhido pelo Centro de Estudos de Teatro da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e pela Université Nanterre Paris Ouest La Défense. É doutorada em Estudos Portugueses pela Université Paris VIII e em Estudos Artísticos pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. É actualmente docente na Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Lisboa. Foi docente de Língua e Literatura Portuguesa na Université Paris VIII entre 2010 e 2016, onde colaborou como membro da equipa de linguística do Laboratoire d'Etudes Romanes da Université Paris VIII.

JIM COGSWELL

Universidade do Michigan

Cosmogonic Tattoos

In celebration of the University of Michigan's Bicentennial in 2017, I have been invited by the University of Michigan Museum of Art and the Kelsey Museum of Archaeology to create a set of public window installations in response to the objects in their two collections. Through close examination of objects separated from us by deep chronological and cultural divides, this project celebrates the power of architecture, ornament, and material objects to shape knowledge, historical memory, and cultural identity. My presentation will discuss the implications of my project using images of my proposed designs, the architectural context they will inhabit, preparatory studies for them, and the collected objects they were derived from.

My project uses images of what is found inside these two campus buildings to reframe the stories their objects tell us. By tattooing their architectural skins with an epic narrative of how the world we know came to be, I am calling attention to the mutability of the objects within, across time and space, between materials, geographies and institutions. I am proposing the museum as a fictive space built on coincidence and personal narrative, the chance layering of objects and representations subject to the reflections and curiosities of viewers as well as the obsessions of our current predicaments.

To design my installation I've done drawings of objects in both collections, objects from different societies with different stories about what it means to be human. Through successive layers of physical and digital manipulation I have put them in intimate dialogue with one another. A remix in vinyl. The story of the objects gathered in our museums is a story not only of displaced things but also of displaced peoples. My installation is as much about migration and exile, loss and longing, as it is about the objects that were looted, exchanged, and destroyed in the movement of peoples through history.

My installation is intended as a single continuously unfolding narrative that includes the physical gap between the two buildings. I want that gap to speak to us, about distance, movement, and migration, through sagas of trade, conquest, appropriation, and plunder. Hands changing hands, shaping histories we tell ourselves in order to somehow comprehend it all.

Palavras-Chave: art; archaeology; museums; ornamentation; spolia.

JIM COGSWELL é professor de Arte na Penny W. Stamps School of Art & Design da Universidade do Michigan. Em 2000, recebeu o Michigan Arts Award e, ao longo da sua carreira na Universidade do Michigan, recebeu numerosas bolsas do Office of the Vice-President for Research and the Horace P. Rackham School of Graduate Studies. Em 2014, foi eleito Senior Fellow na Michigan Society of Fellows. Fez diversas exposições e foi convidado para falar do seu trabalho em conferências no Japão, Irlanda, Hungria, França, Itália, Israel, Grécia e Reino Unido.

MARIA HELENA TRINDADE LOPES

CHAM

Anselm Kiefer e a “arquitectura da memória”

Anselm Kiefer nasceu em 1945, na Alemanha, e o seu pai era oficial da Wehrmacht. Esta circunstância marcou naturalmente o seu âmag e motivou um percurso, uma fronteira. Kiefer, o pintor que primeiramente estudou direito, literatura e linguística, tem vindo a orientar-se desde a década de noventa do século passado para o estudo e a narração plástica da Antiguidade e dos seus mitos mais significativos, nomeadamente no Egipto e na Mesopotâmia. Cruzando fronteiras – a essência do homem, o segredo da existência, a história, a arte – Kiefer exprime, através da sua pintura, dos seus textos e das suas palavras, a confronto com a memória colectiva.

Palavras-Chave: Anselm Kiefer, Pintura, Fronteiras, Antiguidade, Memória.

MARIA HELENA TRINDADE LOPES é professora catedrática FCSH/NOVA, coordenadora do curso de mestrado de Egiptologia (FCSH/NOVA), investigadora integrada do CHAM, pertencendo ao grupo “A Antiguidade e a sua Recepção” e foi a directora científica do primeiro projecto arqueológico português no Egipto – “Palácio de Apriés – Memphis, Kôm Tumân”. É autora de vários livros e artigos científicos sobre o Egipto faraónico.

PAINEL

“O Oriente no Ocidente”

RUI LOUREIRO

CHAM

Ecos da Antiguidade nos Roteiros de D. João de Castro

D. João de Castro era filho de uma ilustre família, e recebeu uma formação idêntica à que era proporcionada a outros jovens nobres do seu tempo: ao mesmo tempo que se adestravam nas lides militares, iniciavam-se no cultivo das letras e das artes, no ambiente ilustrado da corte de D. Manuel I. Assim se compreende que anos mais tarde, nos seus escritos, patenteie um assíduo convívio com Plínio, Ptolomeu, Pompónio Mela, Vitrúvio, e outros autores da Antiguidade. Não é improvável que as leituras dos seus primeiros anos incluíssem também romances de cavalaria, pois admirava as façanhas de Alexandre Magno. A presente comunicação, para além de seguir de forma rápida a carreira militar de D. João de Castro, interessar-se-á sobretudo pelos seus escritos náuticos, três roteiros de longas viagens marítimas que efectuou entre 1538 e 1541: o «Roteiro de Lisboa a Goa», o «Roteiro de Goa a Diu» e o «Roteiro do Mar Roxo». Alguma atenção merecerão também as inúmeras cartas que escreveu durante os anos de residência no Oriente. Assim, procurar-se-ão recensear os ecos literários da Antiguidade nos escritos de D. João de Castro, tendo presente que ao contrário de muitos humanistas da época, cuja vida era integralmente passada na Europa, o célebre fidalgo e roteirista teve oportunidade de viajar extensamente pelos espaços extra-europeus, confrontando em primeira mão a lição geográfica dos autores clássicos com as realidades humanas e geográficas do longínquo Oriente.

Palavras-Chave: D. João de Castro; Roteiros; Século XVI; Antiguidade; Intertextualidade.

RUI LOUREIRO é director científico e pedagógico do Instituto Superior Manuel Teixeira Gomes. É investigador integrado do CHAM, onde se especializou na história dos contactos dos portugueses com o mundo asiático nos séculos XVI e XVII. Publicou mais de uma centena de trabalhos de investigação, entre livros, artigos e comunicações. É também membro da Academia de Marinha.

FRANCISCO CAMELO

CHAM

A recepção de uma ideia bíblica de tempo e de história em Samuel Usque

Em Samuel Usque e nas suas *Consolações às Tribulações de Israel*, o autor defende que o “**tempo último**”, que é o seu, resultará na completa **redenção** do homem: da intervenção salvífica de Deus resultará, naturalmente, um **homem novo**. A completa redenção espiritual do homem, traduz a **ideia messiânica**, reflectida ao longo da obra de Samuel Usque. Ainda que não encontremos, de modo evidente, uma ideia corporizada e individualizada do Messias, está presente ao longo de toda a reflexão de Usque a esperança na salvação, a expectativa de uma **nova ordem** em que Israel ocupe um lugar central e **Jerusalém** assuma o estatuto de **centralidade** na história. Por conseguinte, a ideia messiânica presente em Samuel Usque mais do que insistir na emergência de um Messias salvador, o qual protagonizaria a libertação de Israel, valoriza a ocorrência final de um **tempo novo** em que se assistirá à assunção de um homem espiritualmente renovado, o qual reconhecerá Deus, com quem estabelecerá uma **aliança definitiva**.

Palavras-Chave: Tempo; História; Bíblia; Messianismo; Israel.

FRANCISCO CAMELO é professor catedrático na FCSH/UNL, onde lecciona unidades curriculares centradas no mundo Antigo, especialmente na civilização Mesopotâmica. O seu trabalho de investigação centra-se no fenómeno do profetismo e da linguagem profética, sendo que em termos mais abrangentes de dedica ao campo das Mentalidades e Pensamento Religioso. É membro do Projecto Arqueológico do Médio Eufrates Sírio (PAMES) e assume actualmente a coordenação do grupo de investigação “A antiguidade e a sua Recepção”. É director da FCSH/NOVA.

KATIA MARIA PAIM POZZER

UFRGS

Relendo a Torre de Babel na Arte Moderna

Os dados históricos que constituem a base das tradições surgidas em torno de Babilônia e seus principais testemunhos artísticos exprimem diversas facetas de sua herança cultural. Estas tradições provêm das fontes bíblicas e clássicas que foram adaptadas pelo Ocidente cristão, pelo Oriente islâmico da Idade Média e, mais tarde, pela época moderna. A visão de Babilônia segue as etapas da descoberta de suas ruínas pelos viajantes a partir do Renascimento, depois pelos pesquisadores britânicos e franceses do início do século XIX até as escavações arqueológicas do sítio, pela missão científica alemã, a partir de 1899. Os acontecimentos de 1917 e a Primeira Guerra Mundial marcaram o fim das escavações em Babilônia e deram lugar à criação de múltiplas ressignificações desta magnífica cidade.

Babilônia ainda é uma cidade emblemática na tradição ocidental e sua torre viu surgir inúmeras representações ao longo da história. A torre, ou zigurate, foi a mais importante obra da arquitetura mesopotâmica. No Gênesis bíblico, Babel torna-se o centro do mundo caótico e da dispersão. No final da Idade Média, as representações da torre de Babel são marcadas por conflitos político-religiosos. O Renascimento vai utilizar o mito para exaltar a conquista heroica do Homem sobre a Natureza e reativar a cultura helenística. Mas, a partir do século XIX, com as escavações arqueológicas, Babilônia será representada com maior exatidão histórica. E, no mundo contemporâneo, Babilônia foi associada ao Império Norte-Americano e a catástrofe de 2001.

Nossa proposta é abordar algumas das ressignificações de Babilônia e da Torre de Babel, a partir da análise de imagens e símbolos da arte nos períodos moderno e contemporâneo.

Palavras-Chave: Babilônia, Recepção, Arte Moderna, Mesopotâmia, Torre de Babel.

KATIA MARIA PAIM POZZER é professora adjunta do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. É doutora em História pela Université de Paris I (Panthéon-Sorbonne) e Pós-doutora na Université de Paris X - Nanterre. Foi pesquisadora visitante no grupo de pesquisa Histoire et Archéologie de l'Orient Cunéiforme (HAROC), na Maison René-Ginouvès, Arqueologia e Etnologia - CNRS, Université de Paris I - Panthéon-Sorbonne e Université de Paris Ouest-Nanterre - La Défense. Publicou diversos artigos, livros e capítulos de livros na sua área de investigação.

